

TEMPO E NARRATIVAS DA SOLIDÃO: MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO DA LEITORA E ALFABETIZADORA AURÉLIA DE SOUZA BRAGAKátia Maria Soares¹**RESUMO**

Este artigo discorre sobre a história de vida de uma alfabetizadora da Baixada Fluminense, Aurélia de Souza Braga (1909-1995) e focaliza as leituras literárias como entradas para sua história de formação como leitora e professora, também promotora da cultura escrita e literária. Também busca entender como a Professora formou-se e de que maneiras isto pode aparecer nas memórias da escola que ela criou em 1935. Outra fonte utilizada constitui-se do conjunto das narrativas dos ex-alunos da Alfabetizadora. Pelos depoimentos dos antigos moradores da Solidão – lugarejo no qual Aurélia iniciou seu trabalho de alfabetização e sua vida profissional em Belford Roxo –, este texto observa as apropriações de leituras nessa escola. Para tal, também toma como fontes dois livros de poesias e textos sobre a Escola, escritos pelos alunos na *Igreja do Sagrado* sede do trabalho da escola.

Palavras-chave: Baixada Fluminense; Formação de Leitor; História da Educação.

ABSTRACT

This article is on the life trajectory of Aurelia de Souza Braga (1909-1995), a teacher in Baixada Fluminense, and focuses how literaries readings impacted her formation as a reader, a teacher and cultural promoter. Also, it intends to understand how was that teacher formation and how it can appear in memories of the school which she created at 1935. Another resource which I worked on was some her student`s narratives in a school of Solidão – a place of Belford Roxo where Aurelia Braga started to teach. This text observes the appropriation of reading in that school. For that, I used two books of poems and texts on that school wrote by students.

Keywords: Baixada Fluminense; Reader formation; History of Education

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Diretora da FABEL- Faculdade de Belford Roxo.

Neste trabalho busco entender como a professora Aurélia de Souza Braga formou-se, e de que maneiras isto aparece nas memórias da escola que ela criou em 1935, no lugarejo da Solidão, em Belford Roxo, então Município de Nova Iguaçu. Focalizo as leituras literárias como entradas para sua história de formação como leitora, professora e, também, promotora da cultura escrita e literária. Para escrever a história de vida de uma alfabetizadora utilizo como fonte o conjunto das narrativas de seus ex-alunos nas primeiras décadas do século XX. Neste trabalho, para iluminar a história de vida de Aurélia, consulto a obra de Luís da Câmara Cascudo - um dos autores integralistas lidos pela professora -, inclusive a sua autobiografia *O Tempo e eu* (1968). Atento, nas suas memórias de infância, aos elementos que o formaram como leitor e escritor, e ao que escreveu e foi lido pela professora. Nos depoimentos que tomei dos antigos moradores da Solidão – lugarejo no qual Aurélia iniciou seu trabalho de alfabetização e sua vida profissional –, observo as apropriações de leituras nessa escola. Uso também como fontes textos, manuscritos dos alunos na *Igreja da Solidão*, e notícias sobre a professora publicizadas no periódico *Correio da Lavoura*, principal veículo de informação dessa região no período.

Aurélia de Souza Braga, professora nos anos 1930-40, na Era Vargas, liderou o processo de escolarização de um, então, pequeno povoado denominado Belford Roxo, pertencente ao município de Nova Iguaçu², na Baixada Fluminense, região periférica do Rio de Janeiro à época capital da república brasileira. Circunscrito em uma área rural, por essa época produtora de laranjas para exportação, no lugar chamado de Solidão a professora iniciou sua vida profissional, fundando uma escola e utilizando-se do espaço físico de uma igreja católica para sediar esse trabalho. Pelos relatos de seus contemporâneos, alunos e familiares, depreendo que a professora formou-se principalmente a partir de suas leituras. Em especial, pelo acesso à obra de Luís da Câmara Cascudo, como ela também participante do movimento integralista. Cascudo, famoso etnógrafo brasileiro, foi professor e um dos autores que subsidiaram muitos dos trabalhos de professores que buscavam, no resultado de suas pesquisas etnográficas no Brasil, temas para aulas, principalmente a partir do final dos anos 1930 e anos 1940, quando sua obra começou a ter maior publicação e circulação. “Não há roteiros para esse país de revelações assombrosas, submergidas no meu peito”

² Somente em 1943, com a reforma ortográfica passou a chamar-se Nova Iguaçu.

CASCUDO (2008, p. 159), disse em sua autobiografia Luís da Câmara Cascudo, na qual omite o fato de ter pertencido à Câmara dos Quatrocentos da Ação Integralista Brasileira – AIB – e ter sido um dos articulistas de *A Offensiva*, jornal integralista da cidade do Rio de Janeiro, que circulou até o final de 1937. A “Câmara dos quatrocentos” fazia parte da hierarquia da AIB, era formada pelos chefes dos núcleos principais espalhados pelo país. Nem todo chefe de núcleo integrava esse grupo. (TRINDADE, 1979; e CAVALARI, 1978).

Tomando ciência de que Cascudo havia escrito essa autobiografia, e que tinha nascido no ano de 1898, portanto viveu sua infância e escolarização nas primeiras décadas dos anos 1900, algumas possibilidades de indagações me mobilizaram. Enxerguei na história de vida desse autor, uma oportunidade de perceber como construiu seu interesse, gosto e suas habilidades de leitura e, já que ele inicia seu relato autobiográfico por sua tenra infância, descobrir que pessoas, fatos, experiências vividas nesse período e na juventude o autor relata, e eu considero como formadores de seu interesse e escolha pela literatura e pela leitura em geral. Sua autobiografia, portanto, fornece pistas para encontrar a professora Aurélia e seu trabalho pedagógico, servindo para iluminar a história dessa professora. Essas pistas eu sigo neste trabalho de duas maneiras, a primeira pelo que o autor conta de sua infância e formação. A outra, pelo que ele escreve que serve à formação de Aurélia e de seus alunos.

A inauguradora experiência de escolarização, pelo que conta Cascudo, lhe proporcionou uma boa mediadora. “Minha primeira professora foi dona Totônia Cerqueira, magra, imperiosa, serena, voz seca, adivinhando métodos intuitivos, mas carinhosa e acolhedora de convívio. Aprendi com ela os fundamentos inabaláveis de tudo quanto sei” (CASCUDO, 2008, p. 49). Como o autor faz referência ao método intuitivo, posso inferir disto que o ponto de partida da professora para ensinar seu aluno era a percepção sensível, pela experiência sensorial, ainda que mais focada na visual. Provavelmente Cascudo havia tido contato com as *Primeiras Lições das Coisas*, um dos manuais mais famosos sobre esse método, e que foi traduzido por Olavo Bilac e publicado no Brasil em 1886. Aguçar a sensibilidade do menino foi, por este motivo, o que fez a professora. Isso me sugere indagar, a professora Aurélia também tinha essa mesma intenção?

Define Maria Helena Camara Bastos (2013, p. 234), analisando o trabalho de Ferdinand Buisson: “*lição de coisas* é um procedimento de ensino, uma das aplicações do método intuitivo, não é uma disciplina, mas deve estar presente em todas as atividades de ensino em todo o período escolar, pois envolve tudo que se refere à vida e a todos os fenômenos da natureza. Isto é, apresentado como início e o fim de todos os estudos experimentais, como lições de observação, de informação, de palavras. O ensino pelos sentidos e a educação para a aprendizagem dos sentidos marca de forma significativa a primazia da observação sobre a experimentação nas práticas escolares. O método intuitivo, o ensino pelos sentidos, especialmente a visão.

Em visita à escola *Professor Pariz*, onde também trabalhava a professora Aurélia (conforme matéria divulgada no jornal *Correio da Lavoura*, datada de março de 1937), o diretor de higiene e instrução do Município de Nova Iguaçu, Dr. José Manhães, relata o que encontrou da cultura material dessa escola e na sala de aula de Aurélia. Dentre os materiais, “conta ella com mappas dos Estados Unidos do Brasil, do Estado do Rio. Mappa da Baixada Fluminense, quadros com muitas partes da Historia Patria e do Ensino Intuitivo, do Systema Metrico, de Iniciação Geographica, esqueleto humano e quadro negro.”³ A referência ao ensino intuitivo demonstra por parte da professora a intenção de uma didática mais próxima das possibilidades do aluno. Porém, se refere ao ensino que na vida de Câmara Cascudo se dá ainda nos primeiros anos desse século.

Em outra parte da Baixada Fluminense, segundo as pesquisas de Mignot (2011; 2012), a educadora Armanda Álvaro Alberto na Escola Regional de Meriti, nesse período entre 1920-30, praticava as ideias da Escola Nova, ensejadas no Manifesto dos Pioneiros de 1922, do qual foi signatária. Baseada em Maria Montessori, a escola de Armanda buscava trazer aos alunos materiais concretos para o manuseio. Assim, elementos recolhidos na natureza, fotografias de lugares, visita a locais onde pudessem ser observadas partes do conteúdo, a própria área externa da escola, serviam de cenário e de possibilidades de aprendizagem. A escola de Aurélia, ao estampar em suas paredes os quadros do método intuitivo, presentes no trabalho de escolas desde o século XIX, demonstra como mudanças e permanências convivem, e confirmam o que diz Faria Filho

³ Correio da Lavoura de 06 de março de 1937, página 2. Respeitei a grafia da época em todos os textos.

Ao analisar o processo de escolarização primária no Brasil, atentando para questões referentes aos espaços e tempos escolares e sociais (e aos métodos pedagógicos), temos a possibilidade de interrogar o processo histórico de sua produção, mudanças e permanências, contribuindo para descobrirmos infinitas possibilidades de viver e, dentro da vida, formas infinitas *de fazer a* e *do fazer-se da* escola e de seus sujeitos. (FARIA FILHO, 2000, p.21).

Os materiais pertinentes à cultura da escola de Aurélia fornecem pistas para compreensão da biografia dessa professora e do trabalho que realizou nessa comunidade. Dentre os materiais citados por Cascudo como de uso em sua escola, cita a cartilha, aparentemente similar à encontrada na escola de Aurélia. Segundo Cascudo, “As irmãs Andrade iniciaram-me na Cartilha Nacional e livros do imortal Felisberto de Carvalho” (CASCUDO, 2008, p. 50). *A Cartilha Nacional para o ensino simultâneo de leitura e caligrafia* de Hilário Ribeiro. Pelas pesquisas citadas, sua 1ª edição foi em 1885. Utilizava o método sintético e fônico, e, segundo o Prefácio do Autor, o ensino da leitura e da escrita era simultâneo. Depois que o aluno tornava-se consciente de que as vozes são representadas na escrita pelas vogais, o professor mostrava os demais elementos fônicos das “invogais” - começando pelo v que tem valor único, não havendo outra forma de proferi-lo. A cartilha ainda destacava em seus textos o valor moral e cívico.

A Cartilha da Infancia de Thomaz Galhardo era a utilizada na escola de Aurélia. E de acordo com os relatos de Walter Vicente e de Danilce Micho, alunos na década de 1930 na Igreja da Solidão, a professora ensinava soletrando. Percebo que, com isto, desconsiderava as insistentes recomendações do autor que, no prefácio de sua cartilha, deixa claro que o método utilizado era o silábico. Porém, mais importante que entender a opção pela letra e não pela sílaba é compreender o porquê das escolhas. Vejo como necessário entender a professora em seu tempo e seu espaço, e perceber a sua formação. A partir da república, com a finalidade de imprimir no aluno a consciência de parte da nação, porque esta ainda se consolidava não só ideologicamente como territorialmente, a leitura era um dispositivo importante para a educação cívica e moral, que poderia ser adquirida através dos livros de leitura. O ideário que informa os aspectos ligados à cidadania, nos textos dessas duas cartilhas,

se refere à família, à escola e à pátria. A família é representada como um clã apartado do mundo, separada da realidade social e econômica. Os textos procuram moldar uma personalidade de indivíduo subordinado às autoridades públicas e institucionais.

Ter ciência da cartilha que acompanhou os primeiros passos no ensino da leitura dos alunos da professora Aurélia é importante para perceber que esses textos estiveram presentes em sua formação, corroborando também na construção das suas subjetividades. As representações da pátria, elaboradas a partir das Cartilhas *Nacional e da Infancia*, posso inferir que ajudaram a criar os significados que conduziram esses sujeitos. Segundo Marcia Cabral da Silva, com base em estudos de Vygotsky, o signo é uma ferramenta psicológica que conduz à compreensão e leitura, como entendimento, das coisas no mundo. É uma representação criada a partir das interações entre os sujeitos na cultura. É o que participa na construção da subjetividade.

A concepção de signo na obra de Vygotsky diz respeito à noção de ferramenta mediadora de natureza psicológica. O autor refere-se a instrumentos de uso genérico, que permitiriam interferir na natureza e transformá-la; e a signos, instrumentos psicológicos, que possibilitariam, por meio de atividades psicológicas mediadas, conceituar o mundo. (SILVA, 2009, p. 49)

É pela internalização desses signos que se constroem as concepções. Esse processo é mediado pelos sujeitos e pela cultura, pelas interações sociais, mas depende também de depuramentos internos do indivíduo, de como lida com esses signos, pois cada um os processa a sua maneira. Isto remete à compreensão de que não é somente pela razão e pela empiria que se chega ao desenvolvimento intelectual e cognitivo. Este seria um processo mais complexo e dependente da sensibilidade, de como o que se dá a conhecer penetra no sujeito e o afeta. Não só pessoas, suas expressões e oralidade, mas diferentes gêneros de narrativas também proporcionam esse desenvolvimento. Utilizando o método intuitivo, dona Totônia e a professora Aurélia provavelmente contribuíram significativamente para a formação do leitor-escritor Cascudo e para os cidadãos de Belford Roxo.

Eliseu Clementino (2006) evidencia o valor da investigação das memórias e autobiografias de professores, “porque esta abordagem constitui estratégia adequada e fértil para ampliar a compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do

cotidiano dos sujeitos em processo de formação” (CLEMENTINO, 2006). Portanto, depreendo que tanto as práticas pedagógicas permitem conhecer a formação, quanto a formação permite investigar as práticas pedagógicas de professores. Para Ferrarotti “[...] a biografia parece implicar a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, de ação social” (FERRAROTTI, 1988, p. 21). O estudo de biografias, segundo esse autor, permite perceber aspectos que a sociologia clássica não consegue dá conta. A (auto)biografia torna-se por isso uma referência sociológica. Trata-se de compreender questões sociais pela mediação que proporciona entre o social e o individual.

Referindo-se à história de vida de Armanda Álvaro Alberto, Mignot destaca que “sua trajetória expressava um projeto individual determinado histórica e socialmente, resultava também do projeto social de uma geração de educadores que procurou comprometer o Estado com políticas destinadas aos setores populares” (MIGNOT, 1997, p. 75). Ao refletir sobre o estudo biográfico que procedo, suas fontes levantadas até aqui, os caminhos possíveis para escrever a história de vida de Aurélia, não pude deixar de atinar, com Ferrarotti, as dificuldades de se obter um conhecimento objetivo dela. Para esse autor, o indivíduo só aparece na junção de si com os outros. Concordando com Sartre, em sua razão dialética, ele afirma que “o coletivo social e o singular universal iluminam-se reciprocamente”(STARLING; SCHWARCZ, 2013). Ou totalizam o “espírito do seu tempo”, como diria Edgar Morin (1962). Esse modo de conhecer a professora vem ao encontro dos interesses da educação, pois neste sentido ela é a interface entre sua formação, os alunos e a comunidade. Ela é a mediadora entre os signos de seu ideário e o seu grupo social.

HISTÓRIAS QUE FORMARAM A PROFESSORA

Pelos relatos de contemporâneos e ex-alunos da Solidão, Aurélia tinha acesso à vasta biblioteca do compadre italiano, Carlos Bicchieri, que pelos relatos de seus descendentes e contemporâneos, essa biblioteca constituía-se de mais de 3 mil livros, todos em capa dura e em sua maioria em coleções. Os periódicos eram colecionados e encadernados. Os livros eram emprestados ao seu círculo de amigos em Belford Roxo. Nela constantes os livros de Câmara Cascudo e as crônicas que foram publicadas

no jornal natalense, de propriedade de seu pai, *A República*. Segundo Margarida de Souza Neves (2004), “no dia 31 de maio o mesmo jornal iniciara a publicação de uma série de crônicas intitulada ***Viajando o sertão***, essas sim, assinadas por Luís da Câmara Cascudo, e que o jornal continuaria a publicar até o dia 29 de junho”. São crônicas sobre a vida sertaneja e relatavam a viagem empreendida por Cascudo, não são reportagens sobre a viagem da comitiva oficial, “ainda que a cronologia e o roteiro das crônicas sejam idênticos aos das notícias [...] no ano de 1934”.

Registra o que vê, ouve, saboreia, inala e toca no sertão por estar convencido de que o inventário de suas observações permitirá salvar da voragem do tempo algo que é essencial. Para Cascudo, no *Sertão* sua memória pessoal encontra as pegadas de uma memória coletiva que permite desvendar o segredo do que somos, tanto por revelar o original de nossa feição brasileira quanto por permitir vislumbrar, na nossa particularidade, aquilo que, em sua perspectiva, faz dela uma variante da memória ancestral de toda cultura (NEVES, 2004, p. 19).

A exaltação a memória coletiva, a cultura do país, e ao nacionalismo estão presentes também nos textos dos alunos de Aurélia. Em mais de sessenta redações as temáticas se repetem e tratam do que o Brasil produz, do que exporta, do seu povo, do sentido de pátria, e da sua cultura. Outras obras de Câmara Cascudo foram lidas por Aurélia, frequentadora da biblioteca do amigo, e participaram de sua formação, bem como da formação de seus alunos, por sua mediação. Cascudo registra em *Viajando o sertão*, por exemplo, as manifestações da religião do povo, os ditos populares; os hábitos familiares das linhagens do agreste; o falar sertanejo; as cantorias, os cocos, os desafios (NEVES, 2004). O Brasil é assim decantado em prosa por Aurélia, pelos textos de seus alunos, que demonstram além de um sentimento de nacionalismo próprio da época de consolidação da nação como tal pelo coletivo brasileiro, uma riqueza de informações transmitidas principalmente pela professora, dada a precariedade dos veículos de informação disponíveis à época em Belford Roxo. Tudo isto permite e aguça indagar, Aurélia utilizava com seus alunos os cânticos e materiais pesquisados por Cascudo na cultura brasileira?

Esses textos demonstram uma maturidade pouco comum às idades apostas, pelos alunos ou por sua professora, nos mesmos. Incomum até para os dias de hoje. Não encontrei referências aos livros literários voltados para a infância nas memórias dos alunos da escola de Aurélia. Como alguns tiveram acesso a outro bem cultural, como revistas, depreendo, com Silva (2010), que tais publicações direcionadas ao público infantil ainda eram raras no país. Sobre esta questão, Márcia Cabral da Silva analisa, à luz do semiólogo e cineasta Pier Paolo Pasolini, que este signo comunica a noção de infância que existia no período. A criança ainda estava “envolta em uma espécie de anonimato [a noção de infância era] algo homogêneo e vazio chegando mesmo a sugerir uma etapa dispensável da vida” (SILVA, 2010, pp. 21-22). Os livros de literatura para a infância e juventude ainda não eram uma realidade pertencente a esse período na Solidão, em Belford Roxo e na Baixada Fluminense em geral. Algumas crianças tinham o privilégio de ler revistas trazidas pelas famílias do Rio de Janeiro. Walter, aluno de Aurélia na Solidão, guarda com carinho até hoje uma publicação de Pinocchio de Carlo Collodi, uma edição de Monteiro Lobato datada de 1917, exibindo-a em sua entrevista, mas conta que o pai trazia do Rio a revista *Tico-tico*⁴, era o escrito a que tinha acesso.

Aproximar-me do conhecimento de Aurélia significa, também, compreender o tanto da sua vinculação com as ideias presentes no movimento integralista quanto à educação, como isto participou de sua formação e ações posteriores. O quanto foi “pliniana” ou “blusa verde” como eram denominadas as mulheres no movimento liderado pelos homens “camisas verdes”. A influência da religião católica está presente nessas ideias, tendo em vista que a tríade que começa por “Deus” tem por princípio essa religião. Entender, ainda, até que ponto “os problemas em pequena escala do desenvolvimento de uma comunidade e os problemas em larga escala do desenvolvimento de um país são inseparáveis” (ELIAS, 2000, p. 16). Neste caso, a história de vida de Aurélia, que acontece em Belford Roxo principalmente nas décadas de 1930-40, pode funcionar como uma espécie de “paradigma empírico”, tendo em vista que “pode-se construir um modelo explicativo em pequena escala, da figuração que se acredita ser universal” (ELIAS, 2000, p. 20-21). Assim, o entendimento do

⁴ Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional:
<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/o-tico-tico>.

legado integralista à educação de Belford Roxo passa também por aquilo que era veiculado pela escrita, literária e informativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da professora Aurélia de Souza Braga está presente na formação dos seus alunos, cidadãos de Belford Roxo, pela mediação que proporcionou a eles por suas leituras. Enfatizando a valorização da cultura brasileira, do seu povo e do sentido de nacionalidade; e a noção de coletividade, de que todos compartilhavam com seu sacrifício da construção de um futuro melhor foi amplamente difundida pela professora na formação de seus alunos.

O ideário do movimento integralista, nesse caso, foi disseminado pelos impressos, de caráter tanto informativo quanto literário. Luís da Câmara Cascudo muito contribuiu nessa formação, sendo um dos principais autores citados pelos contemporâneos de Aurélia como um dos preferidos da professora, juntamente com o próprio líder do movimento, Plínio Salgado, e o escritor Humberto de Campos.

As informações sobre a infância, dos alunos da Solidão e de Cascudo, recolhidas e trazidas para este trabalho, mostraram que é possível conhecer sobre o processo de formação de subjetividades a partir de (auto)biografias e tornar coletivas as experiências transcritas nelas. E isto pode auxiliar a educação em sua função de promover a leitura, entre outras práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BASTOS, Maria Helena C. *Documento Método Intuitivo e Lição de Coisas por Ferdinand Buisson*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. História da Educação, Porto Alegre, v. 17, nº 39, jan./abril. 2013, p. 231-253.

BULHÕES, Tatiana. “Evidências esmagadoras dos seus atos: fotografia e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)”. Niterói, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2008. 254 p. (Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias).

CAVALARI, Rosa M. F. Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937) – Bauru, SP: EDUSC, 1999. 240p. Il.: 21cm. (Coleção História).

ELIAS, Norbert. SCOTSON. John. L; tradução: Vera Ribeiro. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. – Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FARIA FILHO, L.M. VIDAL, D.G. *Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil*. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 2000 Nº 14. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a03.pdf> Acessado em 02 de outubro de 2013.

FERRAROTTI, Franco. *Sobre a autonomia do método biográfico*. Revista Sociologia, problemas e práticas. Universidade de Lisboa. Março de 1991, nº 9, pp. 171-177. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/31/342.pdf> Acessado em 05 de agosto de 2013.

_____. *Las historias de vida como método*. Convergencia. Revista de Ciencias Sociales [On-line] 2007, 14 (Mayo-Agosto): [Data de consulta: 18 / noviembre / 2013] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10504402>> ISSN 1405-1435.

MIGNOT, Ana Chrystina. “Baú de memórias bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto”. Tese de Doutorado (1997).

_____. *A Escola Regional de Meriti (1921-1964) de Armanda Alvaro Alberto*. In: Juliana Cesário Hamdan; Maria do Carmo Xavier. (Org.). *Clássicos da Educação Brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011, v. 2, p. 165-182.

_____. *Escola e escrita de si: possibilidades de pesquisa em história da educação*. In: Elizeu Clementino de Souza; José Gerardo Vasconcelos; César Augusto Castro. (Org.). *História da educação: memória, arquivos e cultura escolar*. 1 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2012, v. 1, p. 31-48.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massa no século XX*. Paris: Grasset, 1962.

NEVES, Margarida de S. *Viajando o sertão. Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição*, 2004. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=viajando+o+sert%C3%A3o+%E2%80%93+imprensa+oficial+natal+1934&og=Viajando+o+sert%C3%A3o+%E2%80%93+Imprensa+Oficial%2C+Natal%2C+1934&aqs=chrome.1.69i57j0.3689j0j8&sourceid=chrome&espm=93&ie=UTF-8> Acessado em 08-08-2013.

NUNES, C. (1996). *Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca*. In: HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone e NUNES, Clarice. *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1937*. 10ª

ed. Rio de Janeiro: Diadorim, p. 155-224. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/cultura10.html>)

SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2009.

_____. *Leitura, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, 204 p. – (Pesquisa em Educação).

SOUZA, Elizeu Clementino. *A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação*. Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL. 2ª. Ed., 1979. Col. Corpo e Alma do Brasil.

Recebido em 09 de março de 2014.

Aceito em 12 de abril de 2014.